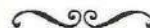


No castelo acordado da memória
Ruge o passado que nos dilacera,
Quando a lembrança é fel em dor suprema...

Sempre distante o céu envolto em glória,
Porquanto em nós ressurge a besta-fera
14 Buscando, em novo corpo, nova algema.



sincera, tanto quanto imparcial, pode perfeitamente classificar entre as melhores de nossa literatura». Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 251) assinala que «Leal de Souza escreveu mais tarde dois romances e alguns livros sobre espiritismo, — preocupação que já se encontrava presente em alguns passos do *Bosque Sagrado*.» (*Livramento*, Rio Grande do Sul, 24 de Dezembro ** de 1880 — Rio de Janeiro, Gb, 1º de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: *Album de Alzira*; *Bosque Sagrado*; *No Mundo dos Espíritos*; *Transposição de Umbrais* (conferência na Federação Espírita Brasileira); etc.

** João Pinto da Silva (*Op. cit.*, pág. 223, nota 1) regista Setembro para o mês de nascimento.

1. Cf. nota nº 7, pág. 62. Além da epizeuxe, vejamos mais: O indefinido *a gente*, tão usado pelos bons autores, dá um ar de familiaridade à comunicação que nos faz o poeta de sua própria experiência nos domínios da morte.

14. Poliptoto: "...em novo corpo, nova algema." Cf. nota nº 13, pág. 40.

ALFREDO José dos Santos NORA *



DESOBSESSÃO

Vertendo suor em baga,
No médium que o entretém,
3 Ei-lo que chega do além,
4 O Espírito em sombra e chaga.

Dezfaz-se em revolta e praga,
Condena, fere, porém
Escuta o verbo de alguém,
8 Que ajuda, enternece e afaga.

(*) Após estudar Engenharia até o 4º ano do curso, Alfredo Nora abraçou a carreira de funcionário da Central do Brasil. Poeta e jornalista brilhante, colaborou em várias revistas e jornais. «Conquanto fôsse um poeta essencialmente lírico,» — escreveu seu amigo Jorge Azevedo (*Estado de Minas* de 24-9-61) — «possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos leves e humorísticos. E gostava, também, e mui-

Na palavra que renova,
O fogo revel da prova
Agora é bálsamo e luz.

E o pobre, ante a paz bem-vinda,
Embora chorando ainda,
Bendiz o amor de Jesus.

MISSIVA AO COMPANHEIRO

Toda vitória insensata,
Além, na Luz Infinita,
Tem gosto de patarata
Que não sofre contradita.

O orgulho é a velha bravata
Que a morte desfaz sem grita,
Deixando mofo e sucata,
Revolta, choro, desdita...

Sòmente a vida correta,
Guardando Jesus por meta,
Faz a estrada livre e enxuta.

Se não queres a derrota
Da ilusão que abraça e enxota,
Trabalha, edifica e luta.

to, de escrever a amigos cartas em versos.» (Município de Pirai, Estado do Rio, 18 de Novembro de 1881 — Desencarnou em 13 de Novembro de 1948.)

3-4. *Ei-lo... o Espírito...* — “um pronome pessoal ou o demonstrativo átono o, explicados em seguida por uma espécie de aposto:

“Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
As queixas do infeliz”

(Garrett, *Camões*, c. III, XXI, in Sousa da Silveira, L.: 278.)

8. O poeta refere-se à palavra do doutrinador.

PAULO SÉRGIO Milliet Duarte da Costa e Silva *



CARTA A MEU PAI

Ninguém te ouviu a prece de esperança,
Quando entregaste ao berço, de mansinho,
Meu pobre coração de passarinho
4 Engastado no corpo de criança.

Calado herói do bem que não descansa,
Tanta vez a lutar, mudo e sòzinho,
Ninguém te enxerga o pranto de carinho
Com que me guardas vivo na lembrança.

(*) Foi um moço de admirável inteligência, que «vinha revelando, desde a mais verde juventude, dotes excepcionais de poeta e prosador» (apud *O Estado de S. Paulo*, 10 de Julho de 1949, pág. 11). Acometido de grave enfermidade aos quinze anos, não chegou a terminar a última série do curso ginasial. Datam dessa época as suas primeiras poesias, e o jovem, embora ciente da marcha irreversível da moléstia, «não teve, entretanto, um momento de tibieza, demonstrando, ante a realidade da sua situação, extraordinária fortaleza de espírito» (id., *ibid.*). Além de